

GNOSE E ROMANTISMO II

Wagner e o amor romântico

Richard Wagner foi um grande revolucionário e um grande romântico; romântico porque revolucionário. Seus mestres de pensamento foram Proudhon, Roedel, Feuerbach . Ele se uniu a Bakunin, que lhe insuflou o ódio à sociedade e a vontade de um aniquilamento total das instituições. No dia 3 de maio de 1849, ele liderou a insurreição de Dresden, convocou a multidão às armas, disparou e participou com fervor do tumulto. Já em 1848, ele havia escrito poemas revolucionários e ingressado em um clube jacobino.

O plano de sua *Tetralogia* foi concebido em 1848, sob a influência de Bakunin, de quem ele disse em suas Memórias: “O aniquilamento de toda civilização excitava seu entusiasmo.” O libreto da *Morte de Siegfried* foi elaborado em 1848, impresso em 1850 e depois reimpresso em 1853, juntamente com as outras três partes de *O anel dos Nibelungos*. Um sonho grandioso de revolta e devastação. Dessa fábula dos Nibelungos, originária das profundezas dos tempos, Wagner extraiu uma obra libertadora. Suas ideias incendiárias, seus desígnios ambiciosos, seus julgamentos apaixonados, todo o seu dogma niilista estão relacionados a fatos remotos na noite dos tempos; mas ele injetou em seu formidável drama lírico, como um veneno, a revolta nos corações. Seus heróis infringem as leis e os costumes mais veneráveis. Wotan rouba o ouro que já havia sido roubado por Alberich. Fafner mata seu próprio irmão, Fasolt, para se apoderar desse ouro; Siegmund se casa com sua irmã Sieglinde. Siegfried apunhala Fafner para despojá-lo do ouro amaldiçoado e se une a Brünnhilde, irmã de sua mãe.

O anel, o “Ring”, é o círculo de ouro que estrangula a humanidade. É preciso quebrá-lo. Tal é o símbolo de todas as doutrinas revolucionárias, o grande poema da anarquia, uma máquina infernal de ação retardada.

Wagner compôs *Tannhäuser* “em ódio contra o mundo”, disse ele mesmo. Ao escrever *Lohengrin*, ele vê em Elsa “o espírito do povo”; “A mulher, essa expressão mais fatal da fatalidade sensual”, confessa ele, “fez de mim um revolucionário total.” Ele quis fazer “terrorismo na arte”, como escreveu a Liszt.

Então Wagner se interessa pelo Oriente e pelo Budismo. Ele faz em Roma o conhecimento do conde de Gobineau , escritor francês, orientalista eloquente e erudito. Ele se torna apaixonado. Ele lê e explica à sua amiga Mathilde Wesendonck *O Mundo considerado como vontade* e representação de Schopenhauer, uma espécie de filósofo panteísta e budista. Ele envia à sua amiga doente as *Lendas hindus* e lhe explica que elas lhe apareceram como “as puras revelações da humanidade mais nobre no antigo Oriente”. Ele então declara que fez disso sua religião.

Em seguida, ele compõe um drama budista, *Os Vencedores*, e um drama sagrado, *Jesus de Nazaré*, que nunca foram publicados. Mas ele os retoma e extrai deles uma obra composta, *Parsifal*, um

vasto breviário de cristianismo, misturado com budismo e vegetarianismo:

“Parsifal,” escreve ele à sua amiga Juliette Gautier , “esse nome é árabe. Os antigos trovadores não o compreenderam mais. Parsifal significa Parsi [pensem nos parsis, adoradores do fogo], puro; fal, diz-se louco [foll], em um sentido elevado, ou seja, homens sem erudição, mas de gênio. Adeus, minha querida, minha dolcíssima anima, R.W.”

É na obra “Tristão e Isolda” que encontramos a expressão mais completa do amor romântico. Wagner nos explica esse amor:

“O início da cena deste segundo ato expressa a vida transbordante em suas paixões mais veementes; o fim é o desejo mais solene e profundo da morte.”

A morte é o asilo. “Libertem-nos do universo” clamam Tristão e Isolda em sua invocação à noite.

O amor romântico é um apelo à morte, desejada, procurada e que se oferece, é o amor-suicídio, é a catástrofe do terceiro ato, o gosto de se conhecer até o limite, fora deste mundo. Quando o rei surpreende os amantes, Tristão lhe responde:

“Este mistério, não posso te revelar. Nunca poderás conhecer o que pedes.”

Quando ele morre, Tristão exclama:

“Não permaneci no lugar do meu despertar. Mas onde permaneci? Não saberia dizer. Era lá onde fui sempre, e onde irei para sempre, o vasto império da eterna noite. Lá, uma ciência única nos é dada, o divino, o eterno, o esquecimento originário! Oh! Se eu pudesse dizer! Se tu pudesses me entender!”

Portanto, a morte suicida pelo amor é o retorno à unidade primordial de toda Gnose. Encontra-se aqui o dogma fundamental, a natureza divina e angélica da alma, prisioneira das formas criadas e da noite da matéria. No “Destino da Alma”, hino maniqueu escrito por um discípulo do “Salvador”, Mani, lemos:

“Nascido da luz e dos deuses
Aqui estou no exílio e separado deles.

...

*Sou um deus e nascido dos deuses
Mas agora reduzido a sofrer. "*

A vida é a desgraça suprema; a morte, o último bem, a redenção da culpa de ter nascido, a reintegração no Uno e a luminosa indistinção. O amor, "Éros", é uma queimadura devoradora que diviniza e iguala ao mundo. "Meu olhar extasiado se cega... Sozinho, estou. Eu, o Mundo." A paixão quer que o "Eu" se torne maior que tudo, tão só e poderoso quanto Deus:

“*Libertado do mundo, finalmente te possuo, ó tu única que preenche toda a minha alma, suprema volúpia de amor.*”

Essa paixão é uma escolha fundamental a favor da morte. Ao compor "*Tristão e Isolda*", Wagner cantou a dissolução do ser amado na Noite, sua divinização pelo amor na Morte. O Éros é a fusão essencial do indivíduo na divindade. A exaltação do amor é uma ascese violenta contra a vida e sua transmissão. O ser amado é um meio, do qual o Eu se serve para escapar do mundo e penetrar no grande Todo.

É exatamente a inversão radical do amor cristão, que chamamos de "Ágape". Esse amor natural e razoável não busca a morte, mas a vida. Ele se quer fecundo. Ele aceita o ser amado como uma pessoa destinada a viver aqui na Terra. Ele deseja o filho, portanto, a vida prolongada na Terra para além da morte. Ele compreende que o destino do homem se desenrola aqui na Terra, que seu pecado não é ter nascido, mas ter perdido Deus, ao se querer autônomo. O homem perdoado não vive para si, mas para os outros. O amor verdadeiro é fiel aqui na Terra, ele é construtor, ele é fecundo. Ele funda um lar onde é bom viver. Ele não é uma exaltação que impele para fora de si, ele não é uma dissolução do eu em Deus. Para que haja realmente amor, é preciso que haja dois seres distintos que se amem um ao outro. O que dizer mais?

Wagner rejeitou para si mesmo esse amor fiel. À sua amiga, Mathilde Wesendonck, que ele deixou para ir a Veneza e que lhe lembra as obrigações impostas pela sua família, seus filhos, seu dever, ele responde irritado:

“*Ao pensar em você, nunca me vieram à mente os pais, os filhos, os deveres. Eu sabia apenas que você me amava e que tudo o que é elevado e orgulhoso neste mundo deve sofrer.*”

É bem a recusa mais romântica do amor fiel, do amor realizado e tranquilo. É bem a busca da paixão devoradora, dolorosa que conduz à morte...

A exaltação do mal

Para um ser divino, um “Perfeito”, um “Catar”, ou seja, um “Puro”, não existe o Mal. Tudo é um Bem. O Mal é, na verdade, a perfeição do Bem. Os românticos cantaram isso em todos os tons.

Ouçamos Victor Hugo:

“O mal transfigurado gradualmente faz o bem.”
“O homem faz seu progresso a partir do que foi seu vício.”

Os românticos glorificam, que digo, divinizam o irregular, o preguiçoso, o insurgente, o impotente, o criminoso. Os aventureiros, os golpistas, os forçados, os assassinos, as cortesãs, os depravados têm como característica comum a grandeza moral. Eles se libertam das regras comuns da humanidade, mas veem brotar neles uma beleza ideal da alma. Liberados de todas as imposições, são belos, virtuosos e puros. Os forçados são sublimes, as envenenadoras angélicas, os comediantes sinceros, as cortesãs virtuosas, os adúlteros fiéis, os monstros inspirados por Deus. A justaposição desses qualificativos contraditórios é totalmente sintomática da metafísica romântica.

O poeta sente uma simpatia afetuosa pelas coisas feias da natureza, porque são, de fato, semelhantes às almas feias. Victor Hugo, em especial, atuou nesse registro:

“Reabilitei o bufão, o histriônico,
Todos os condenados humanos, Triboulet, Marion,
O lacaio, o forçado e a prostituta.”

Ele saúda essas “altas naturezas”, esses “mártires de fronte serena”. Ele lhes grita: “Mártires, Adeus!”

“Não, vocês, os desviados, não são culpáveis!”

ou ainda “Vocês são culpáveis de inocência”. Vocês mataram, mas é culpa da vítima!

“Uma luz vermelha pairava diante de seus olhos!” Tratava-se dos “forçados pensativos”, aqueles que em 1871 incendiaram Paris e fuzilaram os reféns... Por que mataram? Mas, por bondade de alma: “Seu amor formidável se assemelha a ódio.” De fato, poderia-se enganar!!! O homem é sempre inocente. Ele é o jogo dos elementos, vítima de uma criação mal feita:

“Ninguém é culpável. Um desfecho tão negro
Deixa à fundo de seu abismo entrever o elemento...
O homem sofre, o abismo age; os furacões
São os únicos vilões e são os únicos ladrões...
Infelizmente, por toda parte, tremor, raiva, inferno, masmorras;
Mas, infelizmente, é tão tenebroso que isso vem de cima.”

Claro que o grande, o único, o Único culpável é Deus criador. Eis a blasfêmia suprema de Victor Hugo. Desde que a fé na vida futura se enfraqueceu no juiz e no condenado, assim como o temor do julgamento de Deus, o sentido do pecado se desvanecera. Ouçamos mais uma vez Victor Hugo:

“O crime será visto como uma doença, diz ele em *O último dia de um condenado*, e essa doença terá seus médicos que substituirão seus juízes, seus hospitais que substituirão os presídios. A Liberdade e a Saúde se assemelharão. Derramaremos o bálsamo e o óleo onde se aplicava o ferro e o fogo... Isso será sublime!!!”

Mas esse amor apaixonado pelos malfeitores é acompanhado de um ódio instintivo e refletido ao mesmo tempo contra tudo que representa alguma autoridade ou disciplina na sociedade: os reis, os sacerdotes, os soldados, os juízes, os gendarmes. Eles são sempre infames, perversos, corruptos, avarentos, estúpidos.

“Um rei é um homem equestre,
Personagem numeral,
Ao lado do qual de Maistre
Escreve Rei, leia-se Carrasco...
O Rei, esse falso nariz augusto
Que o sacerdote coloca para Deus.”
(As canções das ruas e dos bosques).

“Vamos lá, coloque sua mitra, vamos, ponha sua coleira,
Cante, velho sacerdote infame” (Os castigos).

Os românticos não cessaram de lutar para que a honra dos reis fosse aviltada. “Hernani” é um imperador humilhado diante de um bandido que jura assassiná-lo. “Marion Delorme” é um rei idiota e um cardeal apaixonado por uma mulher pública. “Maria Tudor” é uma rainha prostituta de um assassino; “Ruy Blas”, uma rainha apaixonada por um laçao que assassina tranquilamente; “O Rei se Diverte”, um rei em lugares ruins.

“O cristianismo, essa luz, diz ainda Victor Hugo, pode ser extinta por duas formas de subversão, duas invasões que lhe são mais perigosas: a invasão dos soldados e a invasão dos sacerdotes. O soldado viola o território, o sacerdote viola a consciência. Há apenas dois culpados: César e Pedro. César mata e Pedro mente. Poder-se-ia dizer que em nosso século há duas escolas: a primeira se chama Paris, a outra se chama Roma. Cada uma dessas duas escolas tem seu livro. O livro de Paris é a Declaração dos Direitos do Homem; o livro de Roma é o Syllabus. Esses dois livros dão a resposta ao Progresso; o primeiro lhe diz Sim, o

Vemos que Victor Hugo tem o segredo das fórmulas impressionantes e contrastadas. Não foi Lamartine quem, um dia, intitulou o romance de “*Os Miseráveis*”, o romance dos “Culpados”? É o poema de todos os vícios pouco punidos e dos castigos mais merecidos, é “A Epopeia da Canalha”.

Há nessa busca desenfreada pelo vulgar, pelo grosseiro, pelo malicioso, pelo Mal em si, como um amor invertido pelo Bem, pelo Belo, pelo Ideal... Mas não devemos nos iludir. O homem não é um ser divino. Sua pretensão de escapar às regras de uma ordem natural, de se libertar de uma sujeição divina sempre se chocará com a natureza das coisas. Através dessa atitude, o romântico, como o gnóstico, tenta se suggestionar. Ele tenta até mesmo se convencer de que pode dar a si mesmo sua própria lei ou rejeitar todas, o que é a mesma coisa. Mas isso é uma tentativa a cada dia ineficaz e contrariada pelos fatos. A voz de sua razão natural, que é a própria consciência, lhe mostra que ele não pode escapar ao remorso do mal exaltado após ser cometido. Assim, ele precisa se justificar incessantemente pela proclamação de seu direito; como o criminoso deve acumular crime sobre crime para se convencer de que tem razão ao matar. O segundo crime serve de justificativa para o primeiro e assim por diante.

Além disso, os Românticos têm o cuidado de proclamar sua maravilhosa bondade após cada torpeza. Hugo, após ter traído sua mulher em 1833, pede o prêmio Montyon de virtude: “Nunca cometi mais erros do que naquele ano e nunca fui melhor!” exclama ele.

O homem nunca escapa à voz de sua consciência. E quando ela o condena a seus próprios olhos, só lhe resta voltar-se contra Deus e denunciá-Lo como o grande, o único, o verdadeiro culpado: “O poder do Mal é o mais forte, e a culpa é de Deus, que criou o demônio mais forte que o homem” (trecho de *Nossa Senhora de Paris*). Parece-nos que Lutero disse algo semelhante e isso é uma blasfêmia.

Victor Hugo

A maioria dos críticos literários que se debruçaram sobre o Romantismo não entenderam Victor Hugo. Seguindo a linha de Brunetière, Faguet e até mesmo Jules Lemaître, disseram que Hugo não pensava mais, que ele apenas buscava nos sistemas filosóficos mais extravagantes temas para suas brilhantes improvisações. Victor Hugo, diziam, é “um eco sonoro” das ideias em voga em sua época. Ele as amplificou, magnificou, sem mostrar a menor originalidade e sem buscar a mínima coesão interna entre afirmações mais ou menos heteroclitas.

É necessário revisar tal julgamento. Victor Hugo evoluiu em sua juventude. Antes de 1830, ele era simplesmente católico, cantando sua fé nas Odes e baladas. Ele era até mesmo realista. Mas ele frequenta o domínio de La Chesnaie e ouve com admiração o ensino apaixonado de Lamennais; e isso já é uma primeira aproximação de uma nova religião, impregnada de gnose, sem que ele mesmo se desse conta disso. Então, ele cai em uma dúvida generalizada: esses são os poemas elegíacos de antes do exílio. Ele diz tristemente:

*“Carregamos em nosso coração o cadáver apodrecido
Da religião que vivia em nossos pais”
(Os Cânticos do Crepúsculo).*

Primeiro efeito do ensino tão negativo recebido em La Chesnaie. Essa dúvida é logo atravessada por relâmpagos iluminadores até a surpreendente revelação da “boca de sombra”. A partir desse momento, Victor Hugo é completamente gnóstico e adorador de Satanás. Ele se diz iniciado por revelações de baixo: a boca de sombra nas *Contemplações*, o espectro ou a brisa do mar, o Arcanjo noturno do qual ele tira coisas surpreendentes, obscuras, negras, absurdas... Para aquele que não possui a Chave. Mas há uma Chave... e é a “Gnose”.

Em 1836, chegou a Paris Abraham-Alexandre Weill, neto de um rabino alsaciano e de um escrivão do tribunal revolucionário, amigo de Robespierre e de Saint-Just. Ele se gabava de ter nascido em uma época “onde os princípios de 1789 começaram a penetrar a medula do Judaísmo”. Ele precisa ainda:

“Eu fui alimentado com princípios republicanos que extraí em sua totalidade da legislação de Moisés.”

Ele se torna o amigo íntimo e o familiar de Victor Hugo. Ele é bem versado nas escrituras hebraicas e no ocultismo cabalístico.

Alguns trechos de suas Memórias são edificantes nesse aspecto:

“Hugo, disse ele, conhecia muito bem a mulher, seus encantos e seus perigos. Tendo citado alguns versos um pouco pornográficos de Goethe e alguns aforismos secretos da Cabala sobre a mulher, ele me deu conselhos relativos ao amor, marcados por uma rigorosa observação e uma grande originalidade, que eu nunca esqueci.”

Mais adiante:

“Sendo na minha juventude um entusiasta ardente do poeta, servindo como um livro vivo para a literatura e a história alemãs modernas, ele me tomou a afeição e me permitia segui-lo em suas breves visitas noturnas aos Salões de Paris.”

Em 1852, Victor Hugo se exila voluntariamente após o golpe de Estado de 2 de dezembro e fixa-se por algum tempo em Bruxelas. Weil o acompanha e então lhe dá aulas de Cabala. Assim, o poeta se torna solidamente documentado sobre as ratiocinações e as sutilezas do Talmud, como nos

mostra o poema intitulado “*As palavras do Doutor da Lei*”, em “*O fim de Satã*”.

Depois, Victor Hugo vai para Jersey. Lá, ele pratica mesas girantes. Dialoga com Satanás ao longo dos dias. Nós possuímos os registros do que dizem as mesas:

“*“As mesas nos dizem coisas surpreendentes, escreve ele em 4 de janeiro de 1855 a Girardin . Paul Meurice te disse que todo um sistema cosmogônico que encontrei e escrevi parcialmente nos últimos vinte anos foi confirmado pelas mesas com magníficas amplificações?”*

As mesas repetem incansavelmente durante anos uma argumentação satânica. Em 8 de março de 1855, um espírito anônimo proclama o novo evangelho:

“*“A verdadeira religião é um imenso apadrinhamento de feras e não uma enorme fogueira. É uma imensa ternura pelos ferozes, pelos infames, pelos bandidos.”*

Além disso, Victor Hugo não nega suas fontes. Ele encontrou seu sistema cosmogônico, como dizem os gnósticos. Estudou os Maniqueus:

“*“Segundo a Índia e os Maniqueus,
Deus, duplo do demônio, explicaria o enigma,
O Paraíso, tendo o inferno como borborismo...”*

Em outro lugar, ele declara encontrar as provas da Metempsicose na “hipótese que Hermese Pitágoras fazem”. Ao ponto que, quando Renouvier , o especialista na filosofia hugoliana, busca conectar o poeta às grandes sínteses metafísicas, ele imediatamente pensa nos Albigenses da Idade Média e nos Maniqueus. Ele até encontrou no poema “*Os Magos*”, tirado das Contemplações, a desconcertante enumeração dos grandes homens, benfeitores da humanidade, apresentados segundo uma progressão pitagórica. Todos esses eminentes servidores da humanidade estão dispostos em uma ordem crescente, de acordo com sua filiação à doutrina gnóstica ao longo dos séculos.

Seu panteísmo

Vamos, portanto, examinar o pensamento de Victor Hugo e não teremos dificuldade em reconhecer a Gnose clássica, mas sobretudo em sua forma da Cabala judaica.

“Por Deus, explica ele em seu William Shakespeare, entendemos o infinito vivente. O eu latente do infinito patente, eis Deus [Deus, portanto, é o princípio escondido que se manifesta no mundo]... O mundo Deus é o invisível evidente [pelo mundo, Deus se manifesta]. O mundo denso é Deus. Deus dilatado é o mundo. Nós que falamos aqui, não acreditamos em nada exceto em Deus. Deus cria a arte pelo homem. Ele tem uma ferramenta, o cérebro humano. Essa ferramenta é o próprio trabalhador que a fez, ele não tem outra [o homem se fabricando seu próprio cérebro!!! Meu Deus!!!]. Deus se manifesta a nós no primeiro grau através da vida do Universo e no segundo grau através do pensamento do homem. A segunda manifestação não é menos sagrada que a primeira. A primeira chama-se Natureza, a segunda chama-se Arte. Daí esta necessidade: o Poeta é sacerdote. Há neste mundo um pontífice, é o gênio. Sacerdos magnus...”

Aqui estão os dois grandes dogmas hugolianos. O mundo é Deus. Eu, Victor Hugo, sou o Grande Pontífice de Deus.

Finalmente, mais adiante, após a morte, ele acrescenta:

“O pensador pode dizer ao expirar: Deus Jio [Eu me torno Deus]. Enquanto ele é homem, sua carne se interpõe entre os outros homens e ele. A carne é nuvem sobre o gênio... Sem mais carne, sem mais matéria, sem mais sombra. O homem que ele tinha dentro de si se manifesta e irradia. Para que um espírito dê toda a sua clareza, ele precisa da morte. O deslumbramento da raça humana começa quando o que era gênio se torna uma alma.”

“A boca de sombra” expõe de forma clara, precisa, magnífica, as “grandes verdades” que constituem o fundamento da ciência oculta: a existência das hierarquias celestiais e espirituais, os Arcontes, a lei universal do retorno à unidade primordial, à pureza divina original, a fusão das almas individuais no Grande Todo-Pleroma, constituindo assim uma única alma universal, a Alma do mundo divino.

“O que diz a boca de sombra” (1854) é o primeiro poema gnóstico. Ele constitui o fundamento do pensamento hugoliano que a partir de agora animará todos os seus poemas.

*“Saiba que tudo conhece sua lei, seu propósito, seu caminho
Que do astro ao ciron, a imensidade se escuta
Que tudo tem consciência na criação.
Tudo fala. E agora, homem, você sabe por que
Tudo fala? Escute bem, é que ventos, ondas, chamadas,*

Árvores, juncos, rochas, tudo vive, tudo está pleno de almas."

Essa é, portanto, bem a definição de um conhecimento, de uma Gnose universal.

“Sim, besta, árvore, rocha, arbusto do caminho,
Todo ser é o vivente da imensidade sombria.
O homem não é mais o único que é seguido por uma sombra,
Todos, mesmo a miserável e vergonhosa pedrinha,
Têm atrás de si uma sombra, uma sombra à frente deles,
Todos são a Alma, que vive, que viveu, que deve viver,
Que cai e se aprisiona ou sobe e se liberta.”

Victor Hugo segue aqui a doutrina gnóstica segundo a qual cada alma individual não é mais que uma porção de uma única alma universal. Doutrina já bem conhecida. Ele mesmo precisa na Prefácio das *Contemplações*: “Às vezes queixam-se dos escritores que dizem: Eu. Fale-nos de nós, gritam a eles. Infelizmente! Quando eu falo de mim, falo de você. Como você não sente isso? Ah! insensato, que acredita que eu não sou você!” e ele continua sua demonstração no poema intitulado “*Religiões e Religião*”:

“Olha em ti este céu profundo que se chama alma,
Neste abismo, ao zênite, resplandece uma chama.
Um centro de luz inacessível está lá.
Fora de ti, como em ti, isso brilha e brilhou,
Esta clareza... Ela é o maravilhoso e tranquilo prodígio...”

E se, portanto, todas as almas constituem uma única substância divina dispersa em uma multitude de corpos, se todos os seres são formas variadas de um imenso Todo primitivo, devemos concluir que o mundo atual é o resultado de um imenso transformismo, de uma evolução generalizada, as formas sendo oriundas umas das outras. No ponto de partida, há o caos:

“O caos é um deus; seu gesto é o elemento;
E ele só possui esse nome sagrado: Começo.
É ele que, muito antes do nascimento da hora,
Surpreendeu a aurora adormecida no fundo de sua morada,
Antes do primeiro dia e do primeiro momento.
É ele que, formidável, apoiou suavemente
A boca da noite nos lábios da manhã,
E é desse beijo que vimos a estrela eclodir.”

(A Lenda dos Séculos, XXII).

Isso não lembra uma definição da Cabala judaica? E então vemos aparecer sucessivamente as diversas formas dos seres que surgem da vida universal, sem nenhuma ruptura:

“O anjo começa no homem e o homem no chimpanzé.
O orangotango, teu irmão, é um homem tateante.
Podes bem aceitá-lo, uma vez que nós te aceitamos!”

exclama o anjo que, retomando as ideias da boca de sombra, afirma a identidade fundamental de todos os seres.

“Não! Todos os seres são e foram e serão.
...
Todos os seres são Deus! Todas as ondas são o mar.”

Finalmente, Victor Hugo expõe o culto que deve ser prestado à deusa Natureza, na peça intitulada “Religião”:

Hermann lhe pergunta:

“Se não és uma alma submersa no abismo,
Qual é então o teu cálice e a tua eucaristia?
O poeta responde: Eu rezo. – Em qual templo?
Onde vais à missa? a quem te confessas?
– A Igreja é o azul, eu lhe digo, e quanto ao padre...”
Neste momento o céu clareia.
A lua no horizonte ascendia, hoste enorme.
Tudo tinha o arrepio, o pinheiro, o cedro e o olmo.
O lobo e a águia e o ancião!
Mostrando-lhe a estrela de ouro sobre a terra obscurecida
Eu lhe digo:
“Curva-te. Deus mesmo oficia
E eis aqui a elevação.”

Sem comentários!!!

Sua metempsicose

Visto que tudo vive, tudo está cheio de alma, os seres são todos da mesma natureza e se encaixam uns nos outros. A alma universal passa do mineral para o vegetal, depois para o animal, antes de alcançar a natureza angélica e se perder novamente no grande Todo divino. Mas ela sai disso. A ideia da transmigração das almas pressupõe, primeiro, a descida das almas em corpos materiais. Victor Hugo permanece fiel à doutrina dos Gnósticos:

“Antes de estar na terra,
Sinto que outrora eu flutuei.
Era o arcanjo solitário
E meu infortúnio é ter nascido...
Sim, meu infortúnio irreparável,
É estar preso aos dois elementos,
É ter em mim, miserável,
Lama e firmamentos...
É pensar que eu era belo,
Ignorar como me chamo,
Ser um céu e ser um túmulo...
É carregar o fardo humano
Onde eu tinha asas, Meu Deus!...”

Em “A arte de ser avô”, o poeta nos explica que “as crianças do Paraíso, anjos ainda embriagados” foram, antes de viver aqui embaixo, “luzes no céu azul”. Por que dormem? Para rever o céu de onde chegaram. Por que seus passos são vacilantes? É “porque tropeçam, ainda embriagados do Paraíso”. Por que gaguejam? É porque expressam “neblinas de palavras divinas”, pois “no que diz a criança, o céu profundo se fragmenta” e a criança “quase não tem braços, ainda tendo asas”.

O homem é, portanto, prisioneiro da matéria. Ele deve emancipar-se. O melhor é se dar a morte.

“A verdadeira vida é onde não há mais carne.
Não temas morrer, criatura queixosa.
Não sentes em ti como uma asa cativa?
Sob teu crânio, tumba murada, não sentes
Como um anjo preso, que soluça baixinho?
Que morre, que cresce...
...E quando chega a morte,
A Alma, em direção à luz radiante e dourada,
Se eleva, libertada deste monstro hediondo”

(As Contemplações).

É aí que Victor Hugo, fiel nisso ao ensinamento dos Gnósticos, retomado de Platão, insere a transmigração das almas no mundo, animal e mineral. No Fédon, Sócrates explica a seu discípulo

essa doutrina que se quer moralizadora. Conforme você se comportou bem ou mal nesta vida, renascerá em uma esfera inferior ou superior, se tornará besta ou anjo:

“Não é provável, Cébes, que os glutões, os bêbados, os intemperantes sem decência nem moderação entrem em corpos de asnos ou de outros animais deste tipo; não pensas assim? — É de fato muito provável. — E as almas que só se entregaram à injustiça, à tirania e às rapinas, não habitarão corpos de lobos, de gaviões ou de falcões? Acreditas que almas dessa qualidade vão para outro lugar? — Não, sem dúvida, Sócrates.”

Não há a menor verossimilhança em todo esse diálogo. Como na maioria dos diálogos de Platão, o diálogo é apenas aparente, com o discípulo se contentando em dizer “Amém” aos ensinamentos de seu mestre. Sócrates supõe um castigo, uma punição, mas é o problema da Liberdade e, portanto, da responsabilidade que está distorcido. Na verdade, esse ensinamento é contraditório. Se para a alma a descida em um corpo é o castigo de uma culpa anterior no mundo divino, esta vida aqui já é uma purificação e a morte deveria ser uma libertação definitiva. É bem o sentido da reintegração, do retorno à Unidade primordial. E Victor Hugo se incomoda com essas transmigrações sucessivas através dos animais. Ele diz isso várias vezes:

“É preciso, no Grande Todo, mais cedo ou mais tarde, se absorver.”

Além disso, o grande infortúnio do homem é ter nascido. Portanto, o homem nunca é culpável, mas sempre vítima do destino, da fatalidade.

“Lamentem o pássaro do crime e a fera predadora
O que Domiciano, César, fez com alegria,
O tigre, ele continua com horror; Varrão,
Que foi lobo sob a púrpura é lobo nas florestas,
Desce, despertado, do outro lado do sonho;
Seu riso, no fundo das matas, termina em uivados;
Chorem sobre o que uiva e chorem sobre Varrão,
Sobre esses túmulos vivos marcados por obscuros decretos.
Aproximem-se com ternura! Derramem sua oração!”

Todos os seres são inocentes. Eles são vítimas da fatalidade, do destino que os projetou na terra e os prendeu em uma carapaça de matéria.

*“Mas o átomo fatal, Átila, irresponsável,
Como o átomo de fogo, como o átomo de areia,
Inocente, não podendo ser mais acusado
Por um povo abolido, por um mundo esmagado,
Assim como um por desabamento e o outro por incêndio.*

...

*E depois? Para o Grande Todo que permite a fome,
Um grão de trigo maduro pesa tanto quanto Catão livre,
Tudo volta ao imenso e tranquilo equilíbrio,
Assim que o pão morre e o homem é digerido...
Tudo é a horrenda roda...”*

Isso parece bonito e bom. É lógico e evidente para um Gnóstico consequente. E assim a metempsicose aparece como uma doutrina supérflua, incômoda e inconveniente.

Louis Veuillot ironiza com razão. O malvado temeria talvez se tornar tigre, hiena, serpente, após sua morte? Por quê? Ele estaria mais assustado em se tornar ovelha ou rola. Mas o malvado é assim por fatalidade. Qual seria o meio de impedir que Varrão seja lobo?! Ele expia uma vida anterior da qual não tem consciência e que lhe impõe uma punição sem utilidade, pois, de qualquer maneira, tudo deve acabar em um abraço geral. Vamos lá! Vamos pensar em nossos prazeres, em nossa glória, em nosso poder. Rasguemos nossos inimigos e façamos amor em toda liberdade...

Ao ensinar essa transmigração das almas, Victor Hugo recita uma lição aprendida. Ele mesmo diz isso; mas não está convencido. Ele percebe muito bem a incoerência da coisa. Ele quer poder impactar as mentes com fórmulas impactantes, de acordo com seu carisma de “eco sonoro”, e é a contradição que lhe salta aos olhos. Ele afirma com força a inocência, a pureza, a perfeição do homem, mesmo criminoso, especialmente criminoso. Este último é uma vítima infeliz de uma fatalidade que pesa sobre ele. Ele nunca é culpável. Então, por que essas reencarnações que se querem castigos e expiações? O verdadeiro culpado é o criador. O homem deve reconquistar por si mesmo sua perfeição original, mas se sente fraco, impotente. Ele precisa de ajuda. Felizmente, Satanás está lá; ele é poderoso, luminoso. Ele se propõe como Libertador e o Arconte Jesus irá ajudá-lo a reconquistar o céu; ele se tornará Lúcifer, o Arcanjo “portador da Luz”. Este é o tema de *“O fim de Satanás”*.

Aqui vemos que o problema do Mal foi colocado de forma equivocada pelos Gnósticos. Ao querer inocentar o homem, eles sobrecarregaram o Criador. Mas, ao fazer isso, não explicaram a experiência comum da humanidade: nossas faltas são pessoais e nossa razão natural nos diz isso a cada dia: é a voz do remorso, da qual ninguém escapa. Para sufocar essa voz, os Gnósticos despertaram em seus discípulos um sentimento de raiva permanente contra Deus, uma vontade de revolta contra esse monstro maligno, a fonte de todos os nossos infortúnios. E é por isso que as fórmulas do poeta são frequentemente blasfêmias.

O fim de Satanás

A missão divina de Jesus fracassou. Sua doutrina de amor foi apropriada, desviada, deformada pela Igreja e pelo Império. Oh! os reis! os padres! A prisão da Bastilha reúne em seu simbolismo essas duas tiranias. Contra as tiranias, a Liberdade se ergue. A Liberdade fala com seu pai, Satanás. Ela o suplica que a deixe ir salvar os homens infelizes. “Vai!” diz Satanás. A Liberdade derruba a prisão simbólica, a Bastilha. Ela lidera a Revolução. Ela utiliza a França como tocha da regeneração dos Povos. No final, Satanás se reconcilia com Deus.

“Então o céu se entreabria e via-se, os pés nas nuvens, a testa nas estrelas, a espada flamejante na mão, aparecer, suas asas bem abertas no azul, a Liberdade, arcanjo dos Povos.” (Napoleão, o Pequeno)

Satanás tornou-se Lúcifer, o anjo de Luz. Ele acaba de reconquistar o céu. “Ele navega, usurpador sagrado, vencedor abençoado.” Nesta luta, ele é o campeão do Ideal, o artesão do Progresso, ele representa a Santa Revolta, ele é operário da Libertação. Finalmente, ele se liberta. Sua liberação é o símbolo de todas as causas dos grandes malfeitores.

A *Lenda dos Séculos* é uma epopeia satânica. Ela é, segundo os próprios termos de Victor Hugo,

“o desabrochar do gênero humano de século em século, o homem subindo das trevas ao ideal, a transfiguração paradisíaca do inferno terrestre, a eclosão lenta e suprema da Liberdade. Uma espécie de hino a mil estrofes, tendo em suas entranhas uma fé profunda e em seu cume uma alta oração” (Prefácio da *Lenda dos Séculos*).

E Jesus, o Grande Arconte, reconhecerá em Satanás o libertador da humanidade:

“E Jesus, inclinando-se sobre Belial que chora,
Lhe dirá: és tu, então?
E em direção a Deus, pela mão, conduzirá esse irmão,
E quando estiverem perto dos degraus de Luz
Apenas por nós percebidos,
Ambos serão tão belos, que Deus, cujo olhar flameja,
Não poderá distinguir, pai deslumbrado de alegria,
Belial de Jesus.”

Este é o supremo sacrilégio.

*"Vem, Anjo Liberdade, és tua filha e a minha,
Essa paternidade sublime nos une.
O arcanjo ressuscita e o demônio termina.
E eu apago a noite sinistra e nada resta dela.
Satanás está morto; renasce, ó Lúcifer celeste."*

O grande Arcanjo luminoso acaba de restaurar a Criação em sua pureza primitiva e restabeleceu o Homem em sua Natureza Divina. Ele preside, doravante, ao Fim dos Tempos.

O culto de Lúcifer entre os românticos

Encontra-se o culto satânico já em 1793, no poeta inglês Blake (1757-1827); em seu poema *"O Casamento do Céu e do Inferno"*, ele se esforça para reabilitar o instinto da carne; ele vê nele a expressão da energia vital. Ele declara que o pecado original é o valor fundamental da vida. Ele escreve:

"Quando Satanás dobrou pela primeira vez seu arco, Ele libertou os homens do mito do pecado original Inventado por hipócritas moralistas, pelos fracos buscando escravizar os fortes pela astúcia."

Em seu poema *"O Evangelho Eterno"*, ele clama com todos os seus desejos pela vinda do super-homem:

"Tu és Homem; Deus não é mais. Aprende a adorar sua própria divindade."

Mas foi Milton quem, em seu *Paraíso Perdido*, glorificou Satanás, fez dele o verdadeiro herói de todo o seu poema. E Chateaubriand, ele mesmo, que gostava de ser chamado de "Pai da Igreja", tirou belas páginas em seu *Gênio do Cristianismo*. Quando trata da tentação de Eva, ele traduz quase literalmente uma página do *Paraíso Perdido* e Sainte-Beuve pergunta:

"Este demônio, este glorioso Lúcifer, não é o mesmo que, com todos os encantos da sedução e sob um ar de vago tédio, deslizando-se novamente sob a árvore do Éden, teve sua revanche, em mais de um lugar das cenas perturbadoras de Chateaubriand?" (Conversas de segunda-feira).

Em *Os Mártires*, o verdadeiro Satanás não é Velléda, sedutora assassina; em *Os Natchez*, Satanás não é René, o amante fatal que, como Dom Juan, se deixa amar e adorar e traz desgraça a quem o adora? Ele mesmo confessa que "está encantado, atormentado e como possuído pelo demônio de

seu coração". Através de René, o diabo lançou sua sombra sobre toda uma geração. A misantropia e a melancolia da juventude romântica, este "mal do século", é, como o pai de Aurevilly tão bem caracterizou, "a grande diabólica". Eis um aspecto imprevisto de Chateaubriand que era bom notar.

Pode-se acompanhar, nas produções literárias dos Românticos, um verdadeiro ciclo satânico: "Éloa" de Vigny, seguido de um "Satanás salvo" que ele projetava escrever, em 1824; "A queda de um anjo" de Lamartine; a "Lágrima do diabo" de Théophile Gautier, em 1839, este porta-bandeira da revolta romântica que exibia seu satanismo em um colete de cetim escarlate como sinal de reunião para as seções de Satanás, "Os trezentos Espartanos", no dia da batalha de Hernani, em 1831; a "Divina epopeia" de Soumet, em 1840; "O fim de Satanás", de Victor Hugo, em 1854; 'Merlin, o encantador', de Quinet.

Todos não cessam de cantar os feitos do Grande Revoltado: é o estado de espírito de Manfred, de Fausto, de Dom Juan, de Prometeu. Todos vociferam contra Deus, os punhos estendidos para o céu:

“Deus do céu”, exclama Jules Vavres, “quando criastes o homem, foi um dia de atroz zombaria. A cinza do Caos valia mais do que a obra de vossas mãos. Eu me ergui do desespero. Ao menos, eu blasfemarei.”

E isso se intitula "Anátema" (1834). Este gesto satanista se esforça para retratar Satanás sob cores lisonjeiras, dando dele um retrato enternecido. Tais são os encantos do Satanás de Vigny:

“Lá, como um anjo sentado, jovem, triste e charmoso, Uma forma celeste apareceu vagamente.”

O príncipe das trevas realiza assim o encanto do belo sombrio, tão apreciado pelos leitores de Byron.

E Vigny continua:

“A terra está revoltada com as injustiças da criação. Ela dissimula por medo da Eternidade, mas se indigna em segredo contra Deus que criou o Mal e a Morte. Quando um desprezador dos deuses aparece, como Ajax, filho de Oileu, o mundo o adota e o ama. Tal é Satanás, tais são Orestes e Dom Juan. Todos aqueles que lutaram contra o céu injusto tiveram a admiração e o amor secreto dos homens.”

Outro adorador de Satanás é Jules Michelet. Ele também seguiu o itinerário espiritual de todos os românticos. Em sua juventude, ele é atraído pela Idade Média, ele a adora, ele reconta a história com emoção, ele glorifica essa cristandade do século XIII, as Cruzadas, São Luís. Ele sente ali uma força moral intensa. Ele simpatiza com o pensamento cristão, mesmo que pessoalmente não seja crente.

Mas eis que ele se entrega ao movimento filosófico e liberal. Ele lê Lamennais e *O Judeu Errante*. Ele ministra seu curso contra os jesuítas no Collège de France em 1843-1845. Ele se embriaga com uma nova paixão. Ele volta à Idade Média. Ele se retrata. Ele estava errado. Ele o diz na *Introdução ao Renascimento* e no Prefácio geral de sua *História da França*. O que ele ama agora na Idade Média é o princípio anticristão, é Satanás (em *As Feiticeiras*), Satanás, diz ele, é o espírito de revolta contra a fé, contra a escolástica, é um chamado à Natureza desprezada pelo pensamento cristão e à Vontade esmagada pela Autoridade. Ele é o espírito de exame contra o obscurantismo. Ele inspira o feiticeiro, o alquimista, os albigenses. Ele é poderoso, fecundo, ele triunfa como sábio, ele se chama Galileu e Descartes, etc.

Poderíamos continuar assim por muito tempo a lista dos escritores românticos que aderiram ao Satanismo e multiplicar as citações de suas obras. Para quê? Seria uma longa e monótona enumeração sem interesse.

Acreditamos ter demonstrado suficientemente que a doutrina gnóstica encontra sua conclusão lógica no culto de Satanás que é seu ponto culminante natural. Quando se começa a colocar um dedo na Gnose, é-se engolido por Satanás e não resta mais do que vender sua alma ao diabo.

E.C.

Revision #4

Created 18 October 2026 15:52:06 by Admin

Updated 18 October 2026 15:55:59 by Admin